

HISTORIA ORAL E A EXPERIENCIA DOS TRABALHADORES CEARENSES NA CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA (1958-1960).

Cosma Silva de Araújo*

Resumo:

O presente artigo visa apresentar a trajetória de pesquisa que tem como sujeitos os trabalhadores cearenses da construção de Brasília- DF. Esses trabalhadores migraram para o Centro-Oeste entre os anos de 1958 e 1960 e voltaram ao Distrito de Araquém, zona rural do Município de Coreaú- CE, e hoje revelam os significados das suas experiências através da oralidade. Desse modo, para a concretização dessa pesquisa utilizamos a metodologia da história oral como meio de constituição de fontes que permite inserir na historiografia de Brasília os trabalhadores comuns da construção civil que sonharam com melhores condições sociais com o trabalho na Capital Federal, porém tiveram suas expectativas frustradas, dado a processo de exclusão ao qual foram submetidos, neste sentido, buscamos analisar os significados dessa experiência na vida desses trabalhadores.

Palavras-chave: História oral; Araquém; Migrantes; Brasília.

Abstract:

The present article aims to present the research trajectory that has as subjects the workers of Ceará from the construction of Brasília - DF. These workers migrated to the Midwest between 1958 and 1960 and returned to Araquem District, a rural area of the Municipality of Coreaú-CE, and today reveal the meanings of their experiences through orality. In this way, for the accomplishment of this research we use the methodology of oral history as a means of constitution of sources that allows to insert in the historiography of Brasilia the common civil construction workers who dreamed with better social conditions with the work in the Federal Capital, but had their expectations frustrated, given the process of exclusion to which they were submitted, in this sense, we seek to analyze the meanings of this experience in the lives of these workers.

Keywords: Oral history; Araquém; Migrants; Brasília.

Recebido: 08/10/2016

Avaliado: 15/03/2017

Apresentação

Entendo bem o sotaque das águas
Dou respeito às coisas desimportantes
e aos seres desimportantes.
(Manoel de Barros)

A construção e transferência da capital Federal para Centro Oeste do país, ocorrida no governo Juscelino Kubistchek (1956-1961), correspondia os objetivos da política econômica desenvolvimentista que visava desenvolver o país de forma acelerada, e tinha como lema “50 anos em 5”. Dentro do Plano de Metas proposto pelo presidente, ela tornou-se a “meta síntese”, já que através de sua realização promoveria a tão sonhada “Integração Nacional”. De acordo com Ribeiro (2008), para sua realização o presidente utilizou de uma forte propaganda que a divulgava como um projeto de identidade nacional, que obedecia os anseios do povo “que o Estado vinha apenas implementar”.¹

De acordo com Gomes (2013), a partir dos anos trinta o trabalhador nacional, e não mais o imigrante estrangeiro, se destacou no processo das migrações internas no Brasil, e o nordestino se tornou como um tipo “ideal” de migrante, o “herói nacional” representado na imagem do “arigó” que migrava para Amazônia, do “pau de arara” em São Paulo e do “candango” que procurava Brasília, esta última, se tornou um novo foco das migrações internas no Brasil.² Atraindo milhares de migrantes que a projetava como uma esperança de melhorar de vida, entre eles, os trabalhadores de Araquém³ que como muitos se aventuraram naquele projeto que mudou a geopolítica do país. Contudo, após a inauguração voltaram ao Ceará, e o único patrimônio que conseguiram acumular como fruto do trabalho na capital são as histórias que contam aos filhos, os netos e vizinhos.

O estudo dos trabalhadores através da História oral se faz importante por que insere no conhecimento histórico experiências diversas, e se constitui como campo aberto e fértil que possibilita novas formas de pensar a história da cidade. Conforme Verena Alberti, a utilização desta metodologia tem permitido novas interpretações do passado, o registro de testemunhos, e o acesso às “histórias dentro da História”⁴ o que permite “entender como pessoas e grupos experimentam o passado tornando possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas”.⁵

*Discente do Mestrado Acadêmico em História pela Universidade Estadual do Ceará (MAHIS-UECE), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Graduada em História pela Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: cosmaaraujo@hotmail.com.

¹RIBEIRO, Gustavo Lins. **O capital da esperança**: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília. Brasília: Universidade de Brasília, 2008, p. 45-46.

²GOMES, Ângela de Castro. População e sociedade. In: CARVALHO, José Murilo de; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Olhando para Dentro: 1930-1964**, v.4. São Paulo: Objetiva, 2013. cap. 1, p. 60. (História do Brasil Nação: 1808-2010).

³Araquém compõe administrativamente o Município de Coreaú, localizado na região noroeste do Estado do Ceará, faz parte da microrregião da cidade de Sobral, possui uma população estimada em sete mil habitantes, localizado da zona rural do semiárido nordestino.

⁴ALBERTI, Verena. Fontes Oraís. Histórias dentro da História. In: P INSKY, Carla Bassanezi, (org.). **Fontes históricas**. São Paulo: Contexto, 2005, p. 155-202.

⁵Ibidem, p.165.

Assim, as pesquisas sobre a construção de Brasília, a partir das perspectivas dos trabalhadores vem crescendo desde o final da década de setenta, contudo, foi a partir da década de oitenta que essas pesquisas tiveram maior espaço no debate acadêmico, e que tem se acentuado a partir dos anos 2000. Um dos fatores que contribuíram para isto, é a grande aceitação da memória e da oralidade como objeto de conhecimento, e a aproximação da história com outras ciências como a antropologia e sociologia, e também a criação do Programa de História Oral pelo Arquivo Público do Distrito Federal (ARPDF) que se consistiu a partir de entrevistas com diferentes sujeitos que foram importantes na construção da capital.⁶

Nesse sentido, há várias pesquisas acadêmicas e produções audiovisuais⁷, que trazem para o centro do debate o cotidiano e as experiências dos “trabalhadores comuns”, essa nova abordagem, de acordo com Cardoso⁸, passa a inserir diferentes sujeitos e interpretações múltiplas sobre a construção da capital, evidenciando as experiências dos trabalhadores a partir de suas próprias narrativas. Desse modo, a presente pesquisa se aproxima dessas novas abordagens que têm se distanciado da produção de conhecimento que exalta na memória oficial o Presidente Juscelino Kubistchek e seus pares.

Para Chartier (2002), com as “certezas abaladas” do paradigma estruturalista e da própria história serial, a produção do conhecimento histórico passou a pensar os sujeitos comuns nas suas relações e consciências subjetivas com a realidade, considerando as elaborações mentais suas representações constituídas sobre o passado, partindo “das estruturas às redes, dos sistemas de posições às situações vividas, das normas coletivas às estratégias singulares”.

Objeto da história não são, portanto, ou não mais, as estruturas e os mecanismos que regulam, independentemente de qualquer influência objetiva, as relações sociais, mas as racionalidades e as estratégias executadas pelas comunidades, parentelas, famílias, indivíduos”⁹.

A pesquisa com esses trabalhadores considera suas subjetividades e sensibilidades em relação ao passado e se faz importante na “corrente historiográfica que trabalha com as representações que os homens, através do tempo, construíram sobre si próprios, e sobre o mundo, e que são por vezes difíceis de ser abordadas ou mensuradas”¹⁰. Uma vez que a história das sensibilidades possibilitou o desafio de “capturar as razões e os sentimentos que qualificam a

⁶Sobre a importância do acervo do Programa de História Oral do Arquivo Público do Distrito Federal ver: CARDOSO, H.H. P. Os “anos dourados” memória e ideologia. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 9, n. 14, p. 169-184. 2007. Disponível em: <<http://www.artcultura.inhis.ufu.br/PDF14/HeloisaCardoso.pdf>> Acesso em 07/02/2017.

⁷CARVALHO, Wladimir. *Contrarredes Velhos de Guerra*. Filme documentário, DF, 1990. E ainda CARVALHO, Vladimir Carvalho. *Brasília segundo Feldman*. Documentário. 35 mm, 20 min, DF, 1979.

⁸CARDOSO, Heloísa Helena Pacheco. Narrativas de um Candango em Brasília. *Revista Brasileira*. São Paulo, v. 24, nº 47, p. 163-80- 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbh/v24n47/a07v2447.pdf>, Acesso em 07/02/2017.

⁹CHARTIER, Roger. A história entre narrativa e conhecimento. In: CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude*. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 81-100.p. 84.

¹⁰GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades In: PESAVENTO, Sandra J. *Sensibilidades na História: memórias singulares e identidades sociais*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. p. 10.

realidade, que expressam os sentidos que os homens, em cada momento da história, foram capazes de dar a si próprios e ao mundo”¹¹. Conforme Jucá (2014), a História Oral se torna fundamental nessa abordagem, pois permite mais do que captar informações, ela permite o acesso às sensibilidades do entrevistado e “propicia uma perspectiva diferente de penetrar no âmago das questões tratadas”¹².

Para Sales e Mello, ao analisarmos a História do trabalho a partir das trajetórias dos trabalhadores, “torna-se fundamental investigar quem são os sujeitos que construíram esta história, onde vivem? O que fazem? De que formas interpretam as temporalidades vividas e narradas. Como se referem às lembranças e memórias do passado hoje?”¹³ Nessas análises deve-se, portanto, incorporar a experiência humana e o reconhecimento dos sujeitos sociais em suas múltiplas facetas, revelando a história, às paixões, as visões de mundo, as brincadeiras e as estratégias de sobrevivência realizadas no cotidiano, pois, esta “área de pesquisa revela também, o compromisso e a responsabilidade de estarmos inseridos dentro desta grandiosa teia, plural, dinâmica e heterogênea que é esse campo de estudo”¹⁴. Desse modo, apresento a trajetória desses trabalhadores a partir das migrações atuais em Araquém, me debruçando sobre significados da construção de Brasília na vida desses trabalhadores, e apresentando minha justificativa pessoal e social para a escolha da temática e abordagem teórica metodológica.

A memória social é compreendida enquanto “[...] um processo individual, que ocorre em um meio social dinâmico, e valendo-se de instrumentos criados e compartilhados”¹⁵. A utilização da memória como fonte de conhecimento implica sabermos que “A nossa experiência do presente fica portanto inscrita na experiência passada. A memória representa o passado e o presente ligados entre si e coerentes, neste sentido, um com o outro”¹⁶. Assim sendo, os conceitos de memória individual e memória coletiva se qualifica como essências para nossa análise, que segundo Jucá (2014), estão intimamente relacionados, “o individual não deve ser menosprezado ou colocado a reboque das experiências coletivas. Afinal, nenhuma memória individual existe sem a sua relação com o social, da mesma forma que a memória coletiva nada significa sem a presença da individual”¹⁷.

¹¹ Idem

¹² JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Introdução In: **Seminário da Prainha**: indícios da memória individual e da memória coletiva. Fortaleza: EDUECE, 2014, p. 21-76. p. 29.

¹³ MELO William J. SALES, Telma Bessa. Trabalho e Trabalhadores na Perspectiva Histórica. In: MELLO, J. William; LIMA, Z. M.M; Muniz. A.C. (orgs) **História, memória, oralidade e culturas**. Fortaleza, edUECE, 2014, p.120.

¹⁴ Ibidem, p.25.

¹⁵ PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Proj. História. São Paulo, 1997, p.16.

¹⁶ FENTRESS, J & WICKHAM, Chis. Recordar in: **Memória Social**: novas perspectivas sobre o passado. Lisboa: Teorema, 1992, p-13-58.p. 39.

¹⁷ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Introdução In: **Seminário da Prainha**: indícios da memória individual e da memória coletiva. Fortaleza: EDUECE, 2014, p. 21-76. p.33.

De acordo com Jucá (2014), na pesquisa com a oralidade “A ação e o tempo selecionados são submetidos ao crivo de uma análise, que deixa transparecer a subjetividade do intérprete da narrativa apresentada”¹⁸. Desse modo, considero importante apresentar minhas reflexões acerca do meu encontro com a História Oral e com os trabalhadores em questão.

O Encontro com os Sujeitos e o Despertar da Pesquisa: uma História Sensível

O interesse por a temática se deu de forma espontânea, a partir de minhas vivências pessoais e comunitárias, advinda da proximidade que mantenho com os sujeitos. Diante disto, concordo com Jucá, quando ele defende que “bem-aventurados os temas brotados com naturalidade, porque as suas raízes são mais sólidas, aura nem sempre sentida nos recantos acadêmicos das pós-graduações”¹⁹.

Para a definição de História Oral é necessário situá-la dentro de uma abordagem de “Trabalho de Campo” que, para Portelli, é importante para todas as ciências sociais, mas, a História Oral seria impossível sem ele, ela embora diga respeito a padrões culturais, estruturas sociais e processos históricos, “visa aprofundá-los, em essência, por meio de conversas com pessoas sobre a experiência e a memória individuais e ainda por meio do impacto que estas tiveram na vida de cada uma”²⁰.

Desse modo, o convívio social que mantenho com os sujeitos permitiu entrar em contato com os mesmos, que ao saberem do objetivo da pesquisa aceitaram participar sem resistências. Assim, não foi difícil conquistar a confiança dos trabalhadores, uma vez que já os conhecia, e em alguns casos, frequentava as suas residências, como o senhor Benedito Moreira, avô de uma colega da época que estudei o ensino médio, e foi através dela que ouvi pela primeira vez suas histórias em relação a Brasília. Foi durante aquele período também que despertei o interesse pela temática, recordo-me de uma aula de História em que o Prof. José Maria, ao discutir o tema “Desenvolvimentismo nos anos cinquenta”, citou a construção de Brasília e questionou a ausência dos “trabalhadores comuns” nos livros didáticos e na História oficial da cidade, e nos questionou se sabíamos que os nossos conterrâneos haviam construído a Capital Federal, lançando assim a semente da curiosidade, que com o tempo se tornou uma problemática acadêmica.

O interesse aumentou a partir do ano de 2011 quando ingressei no Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), e comecei a participar das discussões realizadas

¹⁸ Ibidem. p. 66.

¹⁹ Ibidem. p.47.

²⁰ PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a ética na história oral. *Projeto História*. São Paulo, n. 15, abr./1997, p. 13-49. P. 15

no Grupo de pesquisa “Memórias no plural” coordenado pela Profa. Dra. Telma Bessa, onde adquirei conhecimento das questões metodológicas da História Oral e das possibilidades de problematização da História através das memórias de indivíduos historicamente marginalizados. Após me amparar dos conhecimentos técnicos, éticos e sociais que o uso dessa metodologia implica, parti para práxis, uma vez que aprendi que “um bom desempenho na realização de uma boa entrevista depende de conselhos e informações obtidas de livros e manuais específicos sobre o método da História oral, mas esse bom desempenho está diretamente vinculado à Práxis”²¹.

Assim, partir para a realização das entrevistas, que ocorreram entre os anos 2011 e 2015, os entrevistados foram os trabalhadores Benedito Teles Moreira, 75 anos, Carlito Cardoso, 77 anos, João Batista Vasconcelos, 77 anos, Domingo Teles de Albuquerque, 75 anos, e José Gerardo Portela, Franciné Albuquerque, ex- funcionários da Firma Pacheco Fernandes Dantas.

Para isso, elaborei um roteiro geral com base nas informações obtidas nas conversas informais e através das leituras sobre a construção da capital, contendo perguntas que permitiram compreender a trajetória do grupo e as experiências individuais, pois, o interesse estava pautado nas relações que os sujeitos mantem com a cidade que a construíram, e nos sentidos sociais dessas experiências. Mesmo escrevendo um roteiro que permitiu pensar as perguntas, parti da ideia de que a entrevista é um espaço aberto, é uma espécie de “dança a dois” da qual nos lembra Portelli (2011), é um momento que se constitui uma relação de diálogo e confiança²². E por ser um “[...] trabalho de campo, é por necessidade, um experimento em igualdade, baseado na diferença”.²³ Em que não só perguntamos, mas também respondemos principalmente quando os sujeitos envolvidos fazem parte do mesmo meio social, que conhecem a vida pessoal do pesquisador.

Na construção do roteiro propomo-nos investigar o tema a partir do método biográfico que consiste na realização de entrevistas “[...] seja concentrando-se sobre um tema, seja debruçando-se sobre um indivíduo e os cortes temáticos efetuados em sua trajetória, a entrevista terá como eixo a biografia do entrevistado, sua vivência e sua experiência”²⁴. Esse método tem ganhado cada vez mais espaço nas pesquisas com abordagens que trabalham com dados qualitativos na investigação social, e com oralidade e as relações que os indivíduos constroem com a história.²⁵

²¹FREITAS, Sônia Maria de. **História oral: possibilidades e procedimentos**. São Paulo: Humanitas / FFLCH / USP; Imprensa Oficial do Estado, 2002. 94.

²² SALES, T. B; NEVES, F. C. **Entrevista com Alessandro Portelli**. In: Revista Historiar. Universidade Estadual Vale do Acaraú, v. 4, n. 4 (jan./ jun. 2011). Sobral – CE: UVA, 2010. ISSN 2176-3267. p.3. Disponível em: http://www.uvanet.br/hist/janjun2011/alessandro_portelli.pdf. Acesso em 08/02/2017

²³ PORTELLI, Alessandro. **Tentando aprender um pouquinho**. Algumas reflexões sobre a ética na História Oral. Proj. História. São Paulo, 1997. p.19.

²⁴ ALBERTI, Verena. **Fontes Oraís. Histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. São Paulo. Contexto, 2006. p. 175.

²⁵Do original: Mallimaci, F. y Giménez Béliveau, V. “Historia de vida y métodos biográficos”. En Vasilachis, I. (coord.) **Estrategias de investigación cualitativa**. pp.175-212. Barcelona: Gedisa.2006. p.75.

A pesquisa culminou na monografia de conclusão de curso, em um curta-metragem intitulado “*só não morri por um milagre de Deus*”, e no projeto de dissertação de Mestrado em História e Culturas na Universidade Estadual do Ceará - UECE, aprovado em 2016, em que analiso as memórias do “quebra pau da Pacheco” nas narrativas dos trabalhadores, e tem como orientador o Prof. Dr. Samuel Carvalheira de Mapeou.

O curta evidencia a construção de Brasília a partir das experiências dos trabalhadores, apresenta suas memórias em relação a cidade e a violência policial ao qual foram submetidos. Foi exibido na mostra filmica “Visualidades - UVA²⁶”, e em um evento cultural em Araquém, em que estiveram presentes os trabalhadores entrevistados, estudantes e membros das associações comunitárias do município²⁷. O curta tem sido utilizado como fonte de pesquisa e exibido nas escolas da região, contribuindo para a produção e difusão de conhecimento. De acordo com o professor Rodrigo Ferreira, responsável por um dos eventos na Escola Marieta Cals, no município de Cariré, a exibição do curta com a presença da pesquisadora é a concretização de algo amplamente propalado, mas, insuficientemente posto em prática, que é a convergência entre a escola e a Universidade. Para ele, a discussão realizada teve uma abordagem diferenciada, com a utilização da linguagem cinematográfica, contendo entrevistas e imagens, proporcionou didatismo para o assunto, tornando a discussão mais interessante para os estudantes, uma vez que parte de uma ótica problematizadora, que desmistifica a suntuosidade da obra faraônica, e vislumbra um lado desconhecido da construção de Brasília e seus operários.

Como defende Schimmit e Cainelli,²⁸ o trabalho com a metodologia da H.O. permite que narrativas históricas deixem de ser temas distantes da realidade estudada e introduz fenômenos históricos do município e região, pois versa numa fonte diferenciada para apreensão de informações que se relaciona com o estudo da história local. Sales adverte que “Fazer História Oral significa ir a campo, partir de uma pesquisa de dimensão local e descobrir, ao longo do processo, o crescimento e o seu alargamento, que poderão ter dimensão global, incluindo-os na relação com outras ciências”.²⁹ Para Jucá, ela “ultrapassa o universo do profissional de história, remetendo-nos ao alcance das diferentes áreas das ciências humanas, quebrando a rígida delimitação do seu alcance”.³⁰

²⁶ “O Visualidades é um evento resultante de programa de extensão capitaneado pelo Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas (Labome) da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), que envolve atividades de formação e divulgação científica de trabalhos de pesquisa que expressem com suporte visual os seus resultados”. Acesso: http://www.uvanet.br/hotsite_visualidades/apresentacao.php, 07/02/2017.

²⁷ Evento organizado pela Associação dos Universitários de Coreaú (AUC) e Associação para Educação e o Desenvolvimento Integrado – AEDI.

²⁸ CAINELLI, Marlene Rosa; SCHMIDT, Maria Auxiliadora. **Ensinar História**. São Paulo: Scipione, 2004.

²⁹ SALES, Telma Bessa. **Canudenses na cidade de São Paulo: memórias e experiências (1950-2000)**. (Tese- Doutorado em História). Programa de Pós- Graduação da Universidade Católica de São Paulo. São Paulo: PUC, 2006.p.34.

³⁰ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Introdução In: **Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva**. Fortaleza: EDUECE, 2014, p.71

De acordo com Ecléia Bosi, na análise das fontes orais é importante reconhecer que histórias de vidas não substituem conceitos ou teoria da história, e que por mais rico que possam ser um depoimento oral ou escrito não explica por si só o processo social ou revolução política, ele exige um trabalho de sistematização e “claras coordenadas interpretativas”³¹. Conforme Pesavento (1999), o papel do historiador ao analisar as representações de determinadas épocas é “selecionar, cruzar, analisar e relacionar as variáveis, afim de construir uma narrativa que tenha efeito de real”³². Jucá (2014) adverte que:

[...] embora alguns profissionais da história aproximem a história da ficção, há uma busca de veracidade do tema estudado, mesmo respeitando-se a liberdade de interpretação confiada ao historiador, capaz de criar uma versão diferenciada das explicações históricas comumente apresentadas.³³

Neste sentido, ao analisarmos as entrevistas dos trabalhadores, refletirmos sobre significados que as experiências de trabalho e migração possuem em suas vidas, a partir das representações elaboradas no presente sobre o passado, que estão sujeitas as lembranças e esquecimentos.

Araquém e Brasília: uma História de Migrações e Trabalho.

O distrito de Araquém possui duas Escolas, uma de nível Fundamental e outra de nível Médio, que têm contribuído para o desenvolvimento local, uma vez que possibilita a formação educacional dos moradores que, até o início dos anos 2000, precisavam se deslocar para a sede do município para cursar o ensino médio. Contudo, ao concluir essa etapa de ensino, muitas pessoas ficam sem perspectiva de trabalho, uma vez que o município não oferece muitas oportunidades no setor comercial, industrial ou na construção civil, e assim, buscam a migração como solução imediata para a questão.

Nesse contexto, aliada a procura por trabalho, parece haver entre os jovens uma rejeição à agricultura, atividade de subsistência tradicionalmente praticada pelos habitantes locais, uma vez que esse tipo de trabalho não oferece uma renda fixa e ainda é comprometida pela ausência de políticas públicas e pelas irregularidades das chuvas. Porém, os aspectos culturais e profissionais também são considerados, já que além da procura por trabalho muitas pessoas saem de Araquém em busca de formação acadêmica, a exemplo dos estudantes de graduação e pós graduação, residentes em cidades como Sobral e demais localidades, e estados do país, alguns deles

³¹ BOSI, Ecléia. (1993). **A pesquisa em memória social**. Psicologia USP, 4 (1-2), 277-284.

³² PESAVENTO, Sandra Jatahy. A pedra e os sonhos: o caminho do imaginário urbano. in: **O imaginário da cidade: visões literárias do urbano** - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre. Porto Alegre: Ed. Universidade /UFRGS, 1999, p. 6-27.

³³ JUCÁ, Gisafran Nazareno Mota. Introdução In: **Seminário da Prainha: indícios da memória individual e da memória coletiva**. Fortaleza: EDUECE, 2014, p. 21-76. 2014.p.70.

inclusive, voltam ao Araquém como professores concursados³⁴, mas essa realidade ainda é nova, e o trabalho ainda se constitui como um principal fator motivador das migrações principalmente no que se refere na procura por Brasília.

Embora saibamos que a partir da década de oitenta houve uma queda nas migrações internas no Brasil, elas ainda permanecem. Em Araquém, por exemplo, há uma continuidade e as cidades mais procuradas são o Rio de Janeiro, Manaus, Cuiabá, Roraima e Brasília. A migração para essas cidades vem de um longo processo histórico, em que o Nordeste se apresenta como exportador de mão de obra barata para outras regiões do Brasil, como para a “sul maravilha”, ou dentro do contexto das migrações da “Marcha para o Oeste” que promovia Campanhas como “Soldados da Borracha” no contexto da Segunda Guerra Mundial e ainda, a migração para construção de Brasília³⁵.

Em meu núcleo familiar partilho dessa realidade, pois cresci vendo meus tios e tias entre idas e vindas de Araquém a outras cidades. Em 2013 por exemplo, minhas quatro irmãs se tornaram novas migrantes nessas capitais, duas morando no Rio de Janeiro e duas em Taguatinga, cidade Satélite de Brasília, cidade esta, que é repleta de nordestinos desde a época da construção da Capital. Contudo, saliento ressaltar que a migração de mulheres de Araquém representa uma nova realidade, pois até recentemente, as migrações estavam quase que exclusivamente relacionadas ao âmbito masculino, nesse processo, a presença feminina estava condicionada a figura do pai ou companheiro conjugal, como pudemos observar nas experiências migratórias para Brasília na década de cinquenta, em que quase não havia a presença feminina. Assim, Brasília ao mesmo tempo em que excluiu os trabalhadores que a construíram, ainda é atrativa para seus descendentes e conterrâneos, permitindo uma relação de trocas culturais entre os dois locais, que se constituiu ao longo do tempo através de redes sociais estabelecidas entre os trabalhadores migrantes antigos e recentes. Tendo em vista que hoje, filhos, netos e conterrâneos desses trabalhadores ainda procuram o território do Distrito Federal em busca sobretudo, por trabalho. Entretanto, as migrações de trabalhadores do município de Coreaú³⁶ é um tema que carece maior aprofundamento, uma vez que se constituem como relevante para entender as dinâmicas sociais e culturais que as envolvem.

Nessa dimensão, a presente pesquisa se constitui como reflexão inicial que permite pensar a dinâmica migratória desse município para Brasília a partir das trajetórias dos migrantes,

³⁴ O tema da Educação em Araquém vem sendo discutido por pesquisadores estudantes do Cursos de História e Ciências sociais da Universidade Estadual Vale do Acaraú.

³⁵ GOMES, Angela de Castro. População e sociedade. In: CARVALHO, José Murilo de; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Olhando para Dentro: 1930-1964**, v.4. São Paulo: Objetiva, 2013. cap. 1, p, 60. (História do Brasil Nação: 1808-2010).

³⁶ Sobre essa temática há poucas produções acadêmicas das quais podemos destacar a monografia a “**Migração e Identidade: O Processo Migratório da Cidade de Coreaú direção ao Norte do Brasil a partir da década de 1980**” de autoria de Maria Kriss Ximenes de Souza, defendida no Curso de História da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

buscando entender os significados dessas experiências no tempo presente. Nas discussões realizadas na monografia,³⁷ discutimos os fatores atribuídos pelos trabalhadores para a migração na década de cinquenta, entre eles estão: a ausência de trabalho em Araquém, a seca de 1958, esperança de uma vida melhor com as vantagens econômicas, de diversão e a aventura que Brasília representava. Desse modo, concordamos com Gomes (2013), pois, nas análises dos estudos migratórios “não se pode, nem se deve, atribuir tais descolamentos às condições climáticas, desconsiderando os sentidos políticos-culturais a ela atribuídos pelo governo e pelos próprios migrantes”³⁸. Como podemos observar na fala do senhor José Portela: “Mas tudo era difícil pra gente, serviço... tudo era difícil pra gente aqui, aí o jeito era ir a Brasília, diziam que lá era bom! Era bom! Era boa! A gente foi, né”. (Entrevista realizada em 27, de janeiro/ 2013).

Os migrantes de Araquém adentraram o território da construção por meio de atravessadores cearenses que haviam se estabelecido nos primeiros anos da construção e eram responsáveis por arregimentar trabalhadores no Ceará e Piauí. A entrada de migrantes na Capital era controlada pelo Instituto Nacional de Imigração e Colonização (INIC) em parceria com a Companhia Urbanizadora da Nova Capital (NOVACAP) que, de acordo Ribeiro (2008), aumentou sua atuação a partir do ano de 1958, em detrimento da seca no Nordeste, “os trabalhadores são selecionados, então, de forma que praticamente explicita o tipo de operário requerido e que viverá em alojamentos coletivos de grandes acampamentos: homens jovens, com saúde e sem família.”³⁹ A presença predominantemente masculina e solteira representava um tipo ideal de trabalhadores, como aponta o autor e funcionava como forma de conter um grande contingente de migrantes que chegavam à cidade, que não oferecia estruturas para receber trabalhadores com famílias, além da presença dessa ser um ônus para as empresas contratantes.

Com exceção do Senhor João e Benedito que haviam trabalhado “nas obras contra as secas”, nas estradas de rodagem, só haviam trabalhado na agricultura e não tinham experiências com o trabalho na construção civil, e antes de adentrarem o território da construção retiravam seus documentos como carteira de trabalho, em cidades como Piauí e Bahia, nos documentos colocavam as profissões que desejavam exercer na cidade, como serventes, pedreiros e carpinteiros.

Faz parte do imaginário local a ideia de que quem migra para Distrito Federal irá residir em Brasília, e não nas cidades satélites, localizadas próximas ao Plano Piloto, esse imaginário se constitui desde a época da construção e revela o processo de exclusão ao qual os trabalhadores

³⁷ ARAÚJO, Cosma. **Histórias e memórias dos candangos de Araquém na construção de Brasília.** (1956-1960). Monografia. Universidade Estadual Vale do Acaraú. Sobral. 2014. Parte das reflexões desenvolvidas na monografia foram discutidas no artigo “O candango vai para Brasília: trabalhadores de Araquém na cidade em construção (1956-1960). Revista Historiar. V.6. n. 11 (2014).

³⁸ GOMES, Ângela de Castro. População e sociedade. In: CARVALHO, José Murilo de; SCHWARCZ, Lilia Moritz (Org.). **Olhando para Dentro: 1930-1964**, v.4. São Paulo: Objetiva, 2013. cap. 1. (História do Brasil Nação: 1808-2010). p.76.

³⁹ RIBEIRO, Gustavo L. **O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília.** Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008. p.22.

foram submetidos, uma vez que “Os aventureiros possuíram uma cidade que depois da inauguração lhes foi tomada. Durante a construção, uma outra cidade lá existia: a sociedade dos que constroem o novo. O produto do trabalho de pioneiros e candangos que lhes ficou estranho”⁴⁰. De acordo com Ribeiro (2008) a inauguração da Capital ocorrida no de 21 de abril de 1960, funcionou como “um rito de passagem”, pois no plano econômico o território passa do campo da produção para o consumo e do ponto de vista político, a transferência dos poderes da antiga capital para o Plano Piloto teve como consequência a desmobilização da produção e dos trabalhadores, que passaram a residir nas cidades satélites e ou voltaram aos seus Estados de origem, como os trabalhadores de Araquém. Desse modo, a ausência dos trabalhadores na cidade revela o processo de exclusão e a contradição do projeto, “Uma expectativa forjada pelo plano original da cidade, segundo a qual os operários compartilhariam o mesmo espaço urbano que os funcionários federais[...]”⁴¹.

Esses trabalhadores voltaram ao Araquém antes mesmo da inauguração da cidade, o senhor Benedito afirma que ouviu pelo rádio o pronunciamento de JK e foi apenas o senhor João que presenciou aquele ato imensamente propagado na mídia nacional. Ao recordar o evento ele afirma: “foi um papoco bonito, todo mundo achou bonito” e conclui: “aí depois já começou pra eleição pra presidente e já foi mudando tudinho”. João relata que sofre uma cobrança social por dele ter sido pioneiro na construção da Capital e não ter sido reconhecido. Porém, justifica que nunca conseguiu guardar dinheiro por que tinha que se manter e ainda ajudar os familiares no Ceará. Esse trabalhador migrou outras vezes à Brasília, mas não passava muito tempo na cidade, pois viajava com o intuito de voltar, e mesmo tendo irmãos que moram nas cidades satélites não quis morar no DF, “meu coração nunca pediu pra eu morar em Brasília, nunca!” afirma o trabalhador.

Embora o retorno ao Araquém tenha sido para maioria uma opção, muitos fatores dentro da conjuntura nacional contribuíram para isso, a exemplo do desemprego e recessão econômica, as inseguranças políticas da época com saída de Juscelino Kubistchek e a entrada de Jânio Quadros na Presidência da República, que gerou grandes incertezas na vida dos trabalhadores. As expectativas frustradas quanto aos ganhos sociais na construção de Brasília também podem ser vistas no relato do trabalhador apresentado no filme “Brasília, segundo Feldman”:

Achava que um dia, as pessoas que se diziam candango e que era pioneiro poderia no futuro, um governo, o que a gente esperava do governo em geral era uma grande esperança que terminado a construção e inaugurada a gente teria um norte, teria uma construção, teria uma condução, teria uma remuneração melhor, e um certo apoio do governo por que a gente ajudou realmente construir a capital, né. Então, aconteceu o

⁴⁰ SILVA, Luiz Sérgio da. **A Construção de Brasília: modernidade e periferia**. 2ª ed. Goiânia: Editora, UFG, 2010.p.75.

⁴¹ RIBEIRO, Gustavo L. **O capital da esperança: a experiência dos trabalhadores na construção de Brasília**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2008. p. 32.

contrário, o candango ficou relegado, assim ao esquecimento, as obras que a gente ajudou a construir, a gente não pode passar nem perto, se passar...vai até preso⁴².

No ano 2011 foram descobertas no subsolo da Câmara dos Deputados frases escritas pelos trabalhadores, datadas do ano 1959, em que podemos perceber sentimentos de saudade, amor e suas expectativas em relação ao futuro, a exemplo da frase assinada pelo trabalhador José Silva Guerra: “Que os homens de amanhã que aqui vierem tenham a compaixão dos nossos filhos e que a lei se cumpra. *Duraleques ce de leques*”, fazendo uma corruptela fonética da expressão latina “*dura lex sed lex*”, que quer dizer algo como “a lei é dura, mas é a lei”, ou ainda a frase do trabalhador anônimo “*Si todos os Brasileiros focem dignos de honra e honestidade, teríamos um Brazil bem melhor. Só temos uma esperança nos Brasileiros de amanhã. Brasília de hoje, Brazil amanhã*”⁴³.



Foto: Trabalhadores. 1960. Alberto Ferreira. Disponível em: <<http://albertoferreira.art.br/>> Acesso, em 10. Fev.2017.

A fotografia acima, registrada em 1960, parece anunciar os anos de incertezas políticas e os desânimos que se estabeleceu entre os migrantes após inauguração da Capital, os trabalhadores de braços cruzados olham para a câmera, outros para o horizonte, parecem procurar e esperar por algo que está distante. Essa imagem, me faz lembrar das primeiras conversas com o Senhor Carlito em que ao falar sobre os trabalhadores da construção de Brasília, afirma que passaram de iludidos a arrependidos.

⁴²CARVALHO, Vladimir Carvalho. Brasília segundo Feldman. Documentário. 35 mm, 20 min, DF, 1979.

⁴³Revista de história. Disponível em: <http://www.revistadehistoria.com.br/secao/reportagem/mensagens-dos-construtores-de-brasil>. Acesso em 10/02/2017.

Como sugere Portelli (1977), a riqueza da história oral se constitui por sua capacidade de dizer mais sobre significados do que sobre eventos⁴⁴, neste sentido, ao analisarmos as entrevistas percebemos múltiplos sentidos atribuídos por estes às suas experiências de trabalho, que está relacionada à experiência migratória, a violência policial, a perdas pessoais e sociais que marcaram suas memórias. Os entrevistados organizam suas narrativas a partir de determinados acontecimentos que de forma individual atribuem sentidos e, por isso, escutar sobre assuntos que parecem fugir a nossa pesquisa, se torna fundamental, pois dizem respeito às experiências vividas pelas pessoas que enriquecem a problemática estudada:

Eu penso que a coisa mais importante da entrevista não seja tanto aquela de saber fazer as perguntas, mas seja aquela de saber escutar as respostas e aceitar quando o narrador fala de coisas diversas daquelas que nos lhe perguntamos. Porque tem coisas que nós queremos saber e tem coisas que os narradores querem dizer, que nós lhes perguntamos ou não.⁴⁵

Neste sentido, destaco a entrevista do Senhor João, que ao relatar sua experiência de trabalho e migração escolhe narrar a partir do episódio da perda do filho, que na década de oitenta migrou com ele para Brasília e de lá decidiu ir para a Serra Pelada, trabalhar em um garimpo. O trabalhador relata que mesmo tendo procurado de todas as formas, não obteve notícias do seu paradeiro, porém, tem esperança em reencontrá-lo. Nesse sentido, “a análise das entrevistas devem recuperar não apenas os aspectos materiais do sucedido, como também a atitude do narrador em relação a eventos, à subjetividade, à imaginação e ao desejo que cada indivíduo investe em relação com sua história.”⁴⁶

De acordo com Khoury “(...) processos sociais criam significações e essas se instituem em memória” e a nossa função é “explorar os processos sociais de constituição da história e da memória em suas mútuas relações e como essas alimentam e realimentam poderes, sujeições e resistências”⁴⁷. Para Ansart (2004)⁴⁸ a escrita da história deve produzir reflexões acerca das relações entre os afetos e o político, entre os sujeitos individuais em suas afetividades, entre as práticas sociais e o político, debruçando-se sobre os sentimentos e emoções criadores e causadores dos ressentimentos, bem como compreender e explicar os “ódios e as hostilidades ocultas da história”.

⁴⁴ PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Tradução Maria Therezinha Janine Ribeiro. *Projeto História*, São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev. 1997.

⁴⁵ SALES, T. B; NEVES, F. C. **Entrevista com Alessandro Portelli**. In: Revista Historiar. Universidade Estadual Vale do Acaraú, v. 4, n. 4 (jan./jun. 2011). Sobral – CE: UVA, 2010. ISSN 2176-3267. p.4. Disponível em: http://www.uvanet.br/hist/janjun2011/alessandro_portelli.pdf. Acesso em 08/02/2017.

⁴⁶ PORTELLI, Alessandro. **Sonhos Ucrônicos**. *Revista Projeto História*, São Paulo, No 10:41:58, 1993.

⁴⁷ KHOURY, Yara Aun. O historiador, as fontes orais e a escrita da história. In: MACIEL, Laura Antunes e outros (org.). **Outras histórias: memórias e linguagens**. São Paulo: Olho D' Água, 2006, p.22-43. p.24.

⁴⁸ ANSART, Pierre. **História e memória dos ressentimentos**. In: BRES-CIANI, Stella; NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: 2ª Ed. Editora UNICAMP. 2004. 552p.

Assim, ao analisar as experiências dos trabalhadores com a construção da cidade, percebe-se que elas estão atreladas a seca, a migração, a perdas, e as esperanças frustradas com o processo de exclusão pelo qual passaram, além da experiência traumática com violência ocorrida no acampamento da firma Pacheco Fernandes Dantas, no ano de 1959, quando os trabalhadores ao reivindicarem por melhores condições de alimentação foram reprimidos pela Guarda Especial de Brasília (GEB). O Fato marcou a identidade pessoal e coletiva dos trabalhadores, e se tornou uma ferida não cicatrizada na história da cidade. Assim, constata-se que pensar a dor através dos relatos dos trabalhadores é questionar a relação que eles mantem com o passado que interfere no seu presente, e na maneira como eles contam os fatos que foram importantes nas suas histórias de vida. A dor, para Arlette Farge, é uma forma de relação com o mundo:

A dor não é uma invariante, uma consequência inevitável de situações dadas; é um modo de ser no mundo que varia segundo os tempos e as circunstâncias e que, por essa razão pode exprimir ou, ao contrário, se recalcar, se expulsar ou se gritar, se negar ou arrastar outrem para ela. Certas situações sociais ou políticas as constroem fortemente, e as palavras de sofrimento muitas vezes difíceis de suportar, podem se tornar lugar de interditos e de tabus bastantes firmes.⁴⁹

Nesse sentido, parece haver um ressentimento por parte de alguns trabalhadores que enfatizam que não conseguiram voltar à Brasília, alimentando inclusive ódio, nojo e desprezo, como podemos ver na fala do Senhor José Portela: “Olha, peguei um ódio da Brasília” e ainda “pelo meu gosto não podia nem ouvir falar em Brasília!” (Entrevista em 05/ junho, 2013). Os ressentimentos guardados pelo grupo, parece estar relacionados às experiências individuais como a violência, e também com a experiência política da época.

⁴⁹ FARGE, Arlette. **Lugares para a História**. Autêntica editora, São Paulo, 2011. p.19.

Considerações finais

A construção da Capital, foi um projeto que marcou a vida dos brasileiros que sonhavam com uma vida melhor, e que ao ser concluído excluiu os trabalhadores que contribuíram com sua força de trabalho para a realização do empreendimento. A reconstrução do passado se dá através de fragmentos sensíveis, das memórias dos trabalhadores reveladas através da oralidade, e que passado jamais pode ser acessado em sua totalidade. O que fazemos é a reconstituição a partir das múltiplas versões que nos chegam no presente, dos sentidos atribuídos pelos trabalhadores as suas experiências, que revela sonhos e esperanças frustradas, ressentimentos de uma época de euforia e de promessas não cumpridas.

Frisa-se que a pesquisa vem sendo produzida a partir de uma multiplicidade de olhares e de fontes que tornam possível a história do tempo presente, principalmente a oralidade e as imagens, que apresentam versões de múltiplos de sujeitos, com experiências plurais. Assim, escrever sobre a construção de Brasília na perspectiva dos trabalhadores, é entender que cada um de maneira individual atribui significados diferentes as suas experiências de trabalho, que também compõem uma memória social.